

HOMERO

Odisseia

Tradução e prefácio de
FREDERICO LOURENÇO

Introdução e notas de
BERNARD KNOX



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e das notas © 1996 by Bernard Knox
Copyright dos mapas © 1990 by Anita Karl e James Kemp
Os mapas desta edição foram feitos por Sonia Vaz, baseados
em *The Odyssey*, editado pela Penguin Group, em 1996.
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*
Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.
Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

ΟΔΥΣΣΕΙΑ

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Alexandre Boide

ADAPTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Carlos Minchillo

TRADUÇÃO DA INTRODUÇÃO

Angela Pessoa

REVISÃO

Camila Saraiva

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Homero

Odiseia / Homero; tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: ΟΔΥΣΣΕΙΑ

ISBN 978-85-63560-27-8

1. Poesia épica clássica — Grécia Antiga 2. Poesia grega
I. Knox, Bernard. II. Título.

11-08303

CDD-833.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Epopeia: Literatura grega antiga 833.01
2. Poesia épica: Literatura grega antiga 833.01

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Bernard Knox	7
Prefácio — Frederico Lourenço	95
Nota sobre a tradução	107

MAPAS

1. Geografia homérica: Grécia continental	110
2. Geografia homérica: O Peloponeso	112
3. Geografia homérica: O Egeu e a Ásia Menor	114

ODISSEIA

Canto I	119
Canto II	134
Canto III	149
Canto IV	166
Canto V	195
Canto VI	212
Canto VII	224
Canto VIII	236
Canto IX	257
Canto X	277
Canto XI	297
Canto XII	319
Canto XIII	334
Canto XIV	349
Canto XV	367
Canto XVI	386

Canto XVII	403
Canto XVIII	426
Canto XIX	442
Canto XX	463
Canto XXI	477
Canto XXII	493
Canto XXIII	511
Canto XXIV	524
<i>Notas</i>	543
<i>Genealogias</i>	563
<i>Referências bibliográficas</i>	567

Canto I*

Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou,
depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.
Muitos foram os povos cujas cidades observou,
cujos espíritos conheceu; e foram muitos no mar
os sofrimentos por que passou para salvar a vida,
5 para conseguir o retorno dos companheiros a suas casas.
Mas a eles, embora o quisesse, não logrou salvar.
Não, pereceram devido à sua loucura,
insensatos, que devoraram o gado sagrado de Hipérion,
o Sol — e assim lhes negou o deus o dia do retorno.
10 Destas coisas fala-nos agora, ó deusa, filha de Zeus.

Nesse tempo, já todos quantos fugiram à morte escarpada
se encontravam em casa, salvos da guerra e do mar.
Só àquele, que tanto desejava regressar à mulher,
Calipso, ninfa divina entre as deusas, retinha
15 em côncavas grutas, ansiosa que se tornasse seu marido.
Mas quando chegou o ano (depois de passados muitos outros)
no qual decretaram os deuses que ele a Ítaca regressasse,
nem aí, mesmo entre o seu povo, afastou as provações.
E todos os deuses se compadeceram dele,
20 todos menos Posêidon: e até que sua terra alcançasse,
o deus não domou a ira contra o divino Ulisses.

* Sobre a numeração dos versos, ver “Nota sobre a tradução”.

Mas para longe se afastara Posêidon, para junto dos Etíopes,
desses Etíopes divididos, mais remotos dentre os homens:
uns encontram-se onde nasce, outros onde se põe o Sol.
Para lá se afastara Posêidon, para deles receber
25 uma hecatombe de carneiros e de touros;
e aí se deleitou no festim. Quanto aos outros deuses,
no palácio de Zeus Olímpico se encontravam reunidos.
E o primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses.
Pois ao coração lhe vinha a memória do irrepreensível Egisto,
30 a quem assassinara Orestes, filho de Agamêmnon.
A pensar nele se dirigiu assim aos outros imortais:

“Vede bem como os mortais acusam os deuses!
De nós (dizem) provêm as desgraças, quando são eles,
pela sua loucura, que sofrem mais do que deviam!
35 Como agora Egisto, além do que lhe era permitido,
do Atrida desposou a mulher, matando Agamêmnon
à sua chegada, sabendo bem da íngreme desgraça —
pois lhe havíamos prevenido ao mandarmos
Hermes, o vigilante Matador de Argos:
que não matasse Agamêmnon nem lhe tirasse a esposa,
40 pois pela mão de Orestes chegaria a vingança do Atrida,
quando atingisse a idade adulta e saudades da terra sentisse.
Assim lhe falou Hermes; mas seus bons conselhos o espírito
de Egisto não convenceram. Agora pagou tudo de uma vez.”

A Zeus respondeu Atena, a deusa de olhos esverdeados:
45 “Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos,
é verdade que esse homem teve a morte que merecia:
e que pereça qualquer outro que igual coisa fizer.
Mas arde-me o espírito pelo feroso Ulisses,
esse desgraçado, que longe dos amigos se atormenta
50 numa ilha rodeada de ondas no umbigo do mar.
É uma ilha frondosa, onde tem sua morada a deusa
filha de Atlas de pernicioso pensamento — esse que do mar
conhece todas as profundezas e segura ele mesmo

as colunas potentes, que céu e terra separados mantêm.
55 Sua filha retém aquele homem desgraçado,
e sempre com palavras implorantes e suaves
o encanta, para que Ítaca olvide; mas Ulisses desejoso
de no horizonte ver subir o fumo da sua terra
tem vontade de morrer — e o teu coração
60 não se comove, Olimpo! Não foi Ulisses
quem junto às naus dos Argivos na vasta Troia
sacrifícios te ofereceu? Contra ele te encolerizas, ó Zeus?”

Em resposta à filha falou Zeus, que comanda as nuvens:
“Que palavra passou além da barreira dos teus dentes?
65 Como me esqueceria eu do divino Ulisses, cujo espírito
supera o de qualquer outro homem e aos deuses imortais,
que o vasto céu detêm, nunca faltou com sacrifícios?
Mas Posêidon, que cerca a terra, sem tréguas se lhe opõe,
por causa do Ciclope a quem Ulisses cegou a vista —
70 ao divino Polifemo, que mais força tem entre todos os
Ciclopes.

Foi a ninfa Toosa que o deu à luz — a filha de Fórcis,
aquele que rege o mar nunca cultivado —
depois de se unir a Posêidon em côncavas grutas.
Desde esse dia Posêidon, o deus que faz tremer a terra,
75 embora sem matar Ulisses, fá-lo vaguear para longe da
pátria.

Mas nós aqui presentes acordemos o seu regresso;
e Posêidon deixará a sua ira: contra todos os imortais,
à sua revelia, só, contra todos, lutar não conseguiria.”

A Zeus respondeu Atena, a deusa de olhos esverdeados:
80 “Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos,
se agrada aos corações dos deuses bem-aventurados
que o sagaz Ulisses regresse a sua casa,
enviemos agora Hermes mensageiro, Matador de Argos,
85 à ilha de Ogígia para que rapidamente anuncie
à ninfa de bela cabeleira a nossa vontade:

que o paciente Ulisses a sua casa regresses.

A Ítaca irei eu mesma para animar o seu filho,

para lhe insuflar coragem no espírito:

90 que convoque a assembleia dos Aqueus de longos cabelos
e sem rodeios se exprima a todos os pretendentes,

que lhe degolam os numerosos rebanhos e o gado

cambaleante.

A Esparta quero enviá-lo e a Pílos arenosa,

para que sobre o regresso do pai amado se informe:

95 uma nobre glória deste modo obterá entre os homens.”

Tendo assim falado, em seus pés as belas sandálias calçou,
douradas, imortais, que com as rajadas do vento
a levam sobre o mar e sobre a terra ilimitada.

E pegou numa forte lança de brônzea ponta,

100 pesada, imponente, enorme: com ela fileiras de heróis

subjuga,

contra quem se enfurece de tão poderoso pai nascida.

Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo

e chega a Ítaca, à porta do palácio de Ulisses,

ao limiar do pátio. Na mão a brônzea lança,

105 assemelha-se a deusa a Mentos, soberano dos Táfiros.

Encontrou de imediato os arrogantes pretendentes

que nesse momento se deleitavam com o jogo dos dados,

sentados em peles de bois que eles mesmos haviam matado.

Para eles em grandes taças escudeiros e criados

110 água com vinho misturavam; outros lavavam

as mesas com esponjas porosas; e outros ainda

carnes em grande abundância serviam.

O primeiro que a deusa avistou foi Telêmaco divino,

sentado entre os pretendentes com tristeza no coração,

115 imaginando no seu espírito o nobre pai chegando

para causar em toda a casa a dispersão dos pretendentes.

E assim em seu palácio teria honra e primazia.

Sentado no meio dos pretendentes a pensar estas coisas,

avista Atena e a ela se dirige, julgando em seu espírito
120 ser vergonhoso para um hóspede ficar parado à entrada.
Acercando-se dela, dá-lhe a mão e dela recebe a brônzea
lança.

E falando-lhe em alta voz, palavras aladas profere.
“Salve, estrangeiro! Serás estimado em nossa casa;
e depois de teres comido me dirás de que tens necessidade.”

125 Falando assim indicou o caminho; seguiu-o Palas Atena.
E quando já se encontravam dentro da alta casa,
encostou contra uma coluna a lança da deusa,
no bem polido guarda-lanças, aí onde estavam muitas outras,
até lanças que ao paciente Ulisses tinham pertencido.
130 Levando a deusa, sentou-a num belo trono trabalhado
e estendeu uma toalha de linho; sob os pés, um pequeno
banco.

Perto colocou para si um assento ornado,
longe dos pretendentes, não fosse o estrangeiro levado
pelo barulho a desdenhar o repasto entre homens arrogantes.
135 Mas tencionava também interrogá-lo sobre o pai ausente.
Uma serva trouxe um jarro com água para as mãos,
um belo jarro de ouro, e água verteu numa bacia de prata.
E junto deles colocou uma mesa polida.
A venerável governanta veio trazer-lhes o pão,
140 assim como iguarias abundantes de tudo quanto havia.
O trinchador trouxe salvas com carnes variadas,
e colocou junto deles belas taças douradas;
um escudeiro veio depois servir-lhes o vinho.

145 Em seguida entraram os arrogantes pretendentes
e sentaram-se enfileirados em cadeiras e tronos.
Logo os escudeiros lhes verteram água para as mãos,
e junto deles as servas puseram os cestos de pão.
Vieram depois mancebos encher as taças de bebida.
Lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.
150 E quando os pretendentes afastaram o desejo de comida

e bebida, para outras coisas se lhes moveu o espírito:
a música e a dança, belas prendas do festim.

O escudeiro colocou nas mãos de Fêmio uma lira
de insigne beleza — Fêmio a quem a necessidade
obrigava a cantar para os pretendentes.

155 Tangendo a sua lira, deu início ao canto formoso.

Mas Telêmaco falou para Atena de olhos esverdeados,
aproximando a cabeça, para que os outros não ouvissem:
“Hóspede estimado, levarás a mal as palavras que eu
proferir?”

A estes deleitam coisas como a lira e o canto,
160 levanamente, pois devoram, de graça, o sustento de outrem,
de um homem cujos brancos ossos apodrecem à chuva,
ou então jazem no mar, onde as ondas os revolvem.

Se estes o vissem regressar a Ítaca,
todos rezariam para que tivessem pés velozes,
165 mais do que riqueza em ouro e vestimentas.
Àquele destruiu-o um destino maldoso, nem para nós
a consolação existe, nem que algum habitante da terra
dissesse que ele virá: pois para ele jamais chegará o dia do
retorno.

Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
170 quem és? De onde vens? Fala-me dos teus pais e da tua
cidade.

Que nau te trouxe? Como te trouxeram
os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles que eram?
Pois não me parece que tenhas chegado a pé.
E diz-me também com verdade, para que eu saiba,
175 se é esta a primeira vez que aqui vens,
ou se és amigo da casa paterna, visto que são muitos
os que a aqui se dirigem: muito dado foi meu pai entre os
homens.”

A ele respondeu a deusa, Atena de olhos esverdeados:
“Então dir-te-ei estas coisas com verdade.